



Universidade e carnaval

Há duas maneiras de fazer política: uma é pelo poder, a outra é pela história. Darcy fez política pela história. O poder era o meio que ele usava para deixar suas marcas na História deste país e do resto do mundo. Por isso, a homenagem a um homem como Darcy Ribeiro deve ser feita falando do seu legado.

Darcy deixou, por exemplo, o legado incrível de uma universidade nova - e não qualquer universidade. A Universidade de Brasília representou, no seu início, um sonho alternativo para os modelos universitários da época. Hoje, todos sabemos que a instituição da universidade está ficando velha e precisa ser renovada. Darcy Ribeiro previu isso há quase cinquenta anos.

Deixou um legado científico, que é uma marca para a cultura brasileira e mundial. Darcy conviveu com povos indígenas numa época em que não existia o conceito de proteção da diversidade, e os índios eram vistos como atrasados. Viveu com eles, escreveu sobre eles e deu uma contribuição mundial para entendermos essa parcela do Brasil. Mostrou que o país é tão mais rico quanto maior for sua diversidade étnica e cultural.

Deixou como legado algo que seria inimaginável para um intelectual respeitado por toda a elite: um sambódromo para atender à forma simples da cultura popular. Quem no mundo pode se orgulhar, em vida, de ter mudado a universidade e o carnaval? Ninguém, porque realmente só Darcy foi capaz de tamanha variedade.

Mas não foi só isso. Darcy deixou como legado até aquilo em que fracassou, porque dizia que se orgulhava mais do fracasso de muitas das suas ações do que das realizações. As realizações mostravam que suas idéias e sua competência executiva davam frutos, mas os fracassos, muitas vezes, deixavam a marca maior de sua capacidade de sonhar, de coragem de enfrentar as dificuldades, de coerência em defender suas bandeiras. Se fracassou foi porque foi coerente, e o que defendia não estava ainda na hora de se tornar realidade. Não abriu mão, não concedeu, reduzindo suas aspirações e suas defesas, para se ajustar aos momentos.

Darcy Ribeiro também deixou seu legado nas obras que não conseguiu realizar, porque o momento não o permitia. Preferiu cair, ir para o exílio a ceder às tentações de ficar com a política do poder. Fez a opção de ficar com a história, e não com o poder. Darcy Ribeiro nos deixou um exemplo, em um tempo em que tantos fazem política e deixam apenas vagas lembranças de terem passado.

Que falta nos faz Darcy Ribeiro! Se pudéssemos tê-lo defendendo aquilo que só agora começa a tocar a consciência das pessoas, o imaginário do Brasil, nós o veríamos pregando que o progresso vem da inteligência, e não das engrenagens das indústrias; que é preciso educar os analfabetos, e não só garantir-lhes emprego.

Darcy foi um profeta do desenvolvimento civilizatório. Sempre defendeu o que só agora começamos a perceber: o progresso não vem da ordem, vem da educação. O progresso não vem do chão de fábrica, vem dos bancos de escola. Não precisamos de uma revolução que acabe com os ricos. Precisamos de uma revolução que acabe com a falta de educação.

Se ainda estivesse entre nós, ele nos ajudaria a derrubar os dois muros que emperram o Brasil: o muro do atraso e o muro da desigualdade. O muro do atraso não nos deixa ser um país igual aos desenvolvidos, por falta de ciência e tecnologia. O muro da desigualdade não nos deixa quebrar essa maldita desigualdade perversa de cinco séculos, por falta de educação igual para todos.

No seu último dia de vida, hospitalizado, pediu para dar uma aula a uma criança. Uma das médicas levou seu filho, na época com 10 anos. Darcy Ribeiro deu sua aula de Antropologia ao menino. Explicou a ele por que é preciso modificar a universidade, construir um sambódromo, conhecer as culturas indígenas: porque o Brasil precisa fazer o casamento da cultura da elite com a cultura do povo. Terminou a aula, tomou banho, barbeou-se, deitou-se, entrou em coma e morreu poucas horas depois. O homem que fez tanto pelo Brasil morreu como professor, por opção. Morreu como professor de crianças, por opção. Mostrou que essa é a elevação máxima para quem está às vésperas de entrar para a História.

Tive a honra de ser seu discípulo, de aprender com ele como ver o Brasil, que nosso país pode ser diferente. E disse-lhe uma vez, quando colocamos seu nome no campus da UnB, que, quando crescesse, queria ser Darcy Ribeiro. De lá para cá percebi que não terei tempo para chegar a tanto. Mas espero que muitas crianças brasileiras consigam, quando crescerem, ser Darcy Ribeiro.

Brasília, setembro de 2008.

Cristovam Buarque
Senador da República

